



REINO UNIDO



O comboio com o caixão da monarca saiu do Castelo Balmoral e foi acompanhado pela população durante um percurso de quase 300 quilômetros por cidades do interior: silêncio, flores e aplausos

Adeus à rainha

Acompanhado por milhares de pessoas, cortejo fúnebre pela Escócia dá início às despedidas a Elizabeth II, cujo funeral ocorrerá, daqui a uma semana, na Inglaterra. Charles III cumpre um roteiro de condolências por quatro países

Os portões do Castelo Balmoral abriram às 10h (6h, em Brasília) de ontem para dar início a um roteiro de nove dias que ficará marcado na história dos britânicos. Sete carros saíram da grandiosa edificação escocesa onde, na quinta-feira, morreu Elizabeth II. Um deles carregava o caixão com o corpo da rainha. Os veículos contornaram uma montanha de flores depositadas no local e iniciaram um cortejo até a capital. O trajeto, que começou com homenagens mais comedidas à monarca, foi finalizado — quase 300 quilômetros e seis horas depois — com uma demonstração da força da mulher que comandou o reino durante 70 anos e sete meses. Milhares de pessoas se espremiaram nas ruas de Edimburgo para se despedir da rainha.

“Só pude ver um pouco, mas foi muito emocionante. Ela era uma pessoa maravilhosa. É muito triste”, lamentou a recepcionista Theresa Brown à agência France-Presse de notícias (AFP). “É uma verdadeira sensação de conexão com a história. Somos um dos poucos países que restam com essa sensação de pompa e conexão com o passado”, disse Rob Parsons, 28, que viajou de York para a capital, um percurso de mais de 300km, para, com a namorada, Lucy Hampshire, dar adeus a Elizabeth.

Os primeiros a testemunhar o cortejo fúnebre foram moradores de Ballater — alguns usando trajes tradicionais escoceses, e praticamente todos em silêncio. Algumas pessoas jogaram flores diante do carro funerário preto que carregava o caixão, envolto com a bandeira real da Escócia, enquanto o veículo passava por um campo ensolarado e verde. Em Banchory, os habitantes quebraram o silêncio com aplausos. Em outros pontos, fileiras de tratores e cavaleiros prestaram homenagens à monarca.

Depois de passar por Aberdeen e Dundee, o carro funerário seguiu para Edimburgo, onde milhares de pessoas aplaudiram a passagem do cortejo até a chegada no Palácio de Holyroodhouse, residência oficial dos reis na Escócia, pouco antes das 16h30 (12h30, em Brasília). “É uma forma de aceitar o fato de que é o fim de uma era. Ela esteve constantemente na nossa vida, no dinheiro, nos selos, em todo o lado”, disse, à AFP, Lucy, a namorada de Rob. Os presentes também davam um jeito de fazer um registro histórico do cortejo usando os celulares — na última troca de reinado, em 1952, não existiam os dispositivos eletrônicos.

O caixão com o corpo de



Na capital, Edimburgo, uma multidão tentava registrar o momento histórico: última troca no reinado britânico ocorreu há 70 anos



Chegada ao Palácio de Holyroodhouse quase seis horas depois: corpo está sob a guarda da Companhia Real de Arqueiros

Elizabeth II foi carregado por oito militares, seguidos pela filha da rainha, a princesa Anne, para a sala do trono do palácio, onde será vigiado pela Companhia Real de Arqueiros, guardacostas dos monarcas da Escócia. Hoje, será transferido em procissão para a vizinha Catedral de Saint Giles. Amanhã, o caixão será transportado, por um avião, para Londres, onde a monarca será velada, durante quatro dias, com visita

aberta ao público. O funeral do Estado acontecerá no próximo dia 19, na Abadia de Westminster, com a presença da família real e dignitários mundiais.

Os netos

Até lá, o rei Charles III participará de cerimônias de homenagens à mãe nos países que formam o Reino Unido (**Leia mais ao lado**). Seus filhos, por sua vez, têm despertado a curiosidade

dos britânicos quanto a uma possível reaproximação. Considerados distantes há anos, William e Harry apareceram juntos e ao lado das esposas, Catherine e Meghan, no sábado, para participar de homenagens à avó na entrada do Castelo de Windsor, na Inglaterra.

Fotos dos quatro caminhando juntos estamparam as primeiras páginas dos jornais britânicos de ontem, que usaram manchetes como “Reunidos pelo luto”

(*Sunday Telegraph*). Segundo o *Sunday Times*, “longas negociações” foram necessárias entre os casais para administrar o momento midiático. A ruptura foi externalizada em 2021, quando, em uma entrevista à apresentadora americana Oprah Winfrey, Harry e Meghan acusaram a família real de racismo. No ano anterior, o filho mais novo de Charles anunciou o desligamento das tarefas da família real e se mudou para os Estados Unidos.

Rei em visitas

O rei Charles III dará início, hoje, a uma série de visitas às nações do Reino Unido para receber condolências oficiais e participar de homenagens à rainha Elizabeth II. O roteiro começa em Edimburgo, na Escócia, onde está o corpo da mãe. Amanhã, o monarca irá para Belfast, na Irlanda do Norte, e, na sexta-feira, visitará Cardiff, no País de Gales.

Os três países oficializam, ontem, o reinado do monarca, seguindo a cerimônia de proclamação realizada no sábado, em Londres. Cerimônias parecidas foram realizadas também em outros países da Commonwealth — grupo de ex-colônias do Império Britânico —, como Austrália e Nova Zelândia.

Há uma expectativa, porém, de que, com a morte da longa rainha, se intensifiquem os movimentos de rompimento com a coroa. O Reino Unido é uma união política de quatro países: Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte. O Sinn Féin, partido a favor da reunificação da Irlanda, não participou da celebração de proclamação do rei em Belfast.

O partido reconheceu “o papel muito positivo que a rainha desempenhou na promoção da paz” após décadas de agitação entre republicanos católicos e unionistas protestantes, mas considerou que a proclamação de Charles III foi apenas para “aqueles que são leais à Coroa”.

O movimento de ruptura com o reino cresce principalmente na Escócia. Em junho, Nicola Sturgeon, primeira-ministra escocesa e líder do partido separatista SNP, anunciou a intenção de organizar um referendo “consultivo” sobre a independência em outubro de 2023. Os escoceses já foram consultados sobre o assunto em 2014. Na ocasião, 55% votaram para permanecer no Reino Unido.

O SNP avalia que o Brexit, em 2016, mudou a situação, já que 62% dos escoceses se opuseram à saída da União Europeia. Para fazer um novo referendo em 2023, será preciso obter o acordo do governo britânico, que se opõe energicamente à ideia. Segundo analistas, a morte de Elizabeth II certamente impactará nos planos da primeira-ministra escocesa.